http://dx.doi.org/10.5380/abp.v55i1.105030

Acta Biológica Paranaense

Original article
(Artigo Original)

Palm trees (Arecaceae) of the Baitaca mountain range, Quatro Barras, Paraná, Brazil

Palmeiras (Arecaceae) da Serra da Baitaca, Quatro Barras, Paraná, Brasil

João Régis Chiquiti Pinto[1]
Mathias Erich Engels[2]
Eric de Camargo Smidt[3]

Received 06/18/2026 | Accepted 11/03/2026 | Published 11/03/2026 | Edited by Rodrigo Gonçalves

Abstract

Palms belong to the family Arecaceae and are distributed worldwide across tropical and subtropical regions. The family comprises approximately 2,500 species in 186 genera. These plants hold considerable economic importance, used in landscaping as well as for extracting oils, fibres, and fruits, and possess ethnobotanical significance for many communities. In Paraná, Arecaceae is represented by 23 species, occurring across all vegetation formations. The Serra da Baitaca State Park (PESB), situated in the municipality of Quatro Barras, Paraná, forms part of the Serra do Mar, a mountain range containing extensive preserved areas of Atlantic Forest, including remnants of Mixed Ombrophilous Forest (FOM), Montane vegetation refuges, and Dense Ombrophilous Forest (FOD). After one year of fieldwork, records ranged from none to five palm occurrences within the park. Seven specimens were prepared and deposited in the UPCB herbarium, representing five species from four genera: *Butia eriospatha*, *Euterpe edulis*, *Geonoma schottiana*, *G. gamiova*, and *Syagrus romanzoffiana*. The species *B. eriospatha* is considered nationally threatened, while *E. edulis* is regarded as nationally vulnerable. This study also provides descriptions, images, composite botanical plates, and an identification key to enhance knowledge of this family in the region and support the conservation of these species' populations within the study area

Keywords: Biodiversity, Floristics, Atlantic Forest, Serra do Mar

1. Universidade Federal do Paraná, Departamento de Botânica, UFPR. E-mail: chiquiti.jrp@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0006-8104-5113. 2. Universidade Federal do Paraná, Departamento de Botânica, Programa de Pós-graduação em Botânica, Cx. P. 19031, Jardim das Américas, Curitiba, Paraná, 81530–900, Brasil. E-mail: mathiasengels@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4332-5166. 3. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Departamento de Botânica, Laboratório de Sistemática e Ecologia Molecular de Plantas, Centro Politécnico, Caixa Postal 19031, Curitiba, PR, 81531–970, Brasil. E-mail: ecsmidt@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1177-1682.

Resumo

As palmeiras pertencem à família Arecaceae e estão distribuídas mundialmente em regiões tropicais e subtropicais. A família compreende aproximadamente 2.500 espécies distribuídas em 186 gêneros. Essas plantas possuem considerável importância econômica, sendo utilizadas no paisagismo, bem como para a extração de óleos, fibras e frutos, e têm significado etnobotânico para muitas comunidades. No Paraná, a família Arecaceae é representada por 23 espécies, ocorrendo em todas as formações vegetais. O Parque Estadual da Serra da Baitaca (PESB), situado no município de Quatro Barras, Paraná, faz parte da Serra do Mar, uma cadeia montanhosa que abriga extensas áreas preservadas de Mata Atlântica, incluindo remanescentes de Floresta Ombrófila Mista (FOM), Refúgios vegetacionais e Floresta Ombrófila Densa (FOD). Após um ano de trabalho de campo, os registros variaram de nenhuma para cinco ocorrências de palmeiras dentro do parque. Sete espécimes foram preparados e depositados no herbário UPCB, representando cinco espécies de quatro gêneros: *Butia eriospatha*, *Euterpe edulis*, *Geonoma schottiana*, *G. gamiova* e *Syagrus romanzoffiana*. A espécie *B. eriospatha* é considerada nacionalmente ameaçada, enquanto *E. edulis* é considerada nacionalmente vulnerável. Este estudo também fornece descrições, imagens, pranchas botânicas compostas e uma chave de identificação, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre esta família na região e apoiar a conservação das populações dessas espécies na área de estudo.

Palavras-chave: Biodiversidade, Florística, Mata Atlântica, Serra do Mar

Introdução

Palmeiras são plantas da família Arecaceae e possuem distribuição global nas regiões tropicais e subtropicais. São representadas por cerca de 2.500 espécies distribuídas em 186 gêneros (WFO, 2026). No Brasil ocorrem naturalmente 104 gêneros e cerca de 400 espécies (Reflora, 2026). No Paraná, Arecaceae é representada por 23 espécies, distribuídas por todas as formações vegetais (Caxambu, 2015). São plantas muito características e importantes nos ambientes em que ocorrem e algumas espécies formam tipos vegetacionais específicos, como Buritizais no Brasil Central e Babaçuais no Nordeste, além de sua morfologia favorecer a formação de micro-habitats, sendo consideradas espécies-chave em vários ecossistemas (Bates, 1988; Alonso, 2001; Santos, 2003). Na região Sul do Brasil existem áreas contínuas e remanescentes de Butiazais, principalmente no Rio Grande do Sul (Soares, 2014). Dentro das fitofisionomias, são encontradas próximas às bordas de florestas da Floresta Ombrófila Mista, onde há forte insolação, ou no interior da Floresta Ombrófila Densa e da Floresta Estacional (Romariz, 1996). A família possui importância econômica significativa, sendo fonte de óleos, polpas e palmito, e relevância cultural, manifestada no artesanato e na alimentação. É amplamente utilizada no paisagismo devido à sua diversidade e facilidade de manutenção (Lorenzi, 2010).

A Mata Atlântica, classificada como um *hotspot* de biodiversidade e um dos Domínios tropicais mais diversos, encontra-se em considerável estado de degradação (Myers et al. 2000). Este quadro é resultado da exploração e da ocupação iniciadas com a colonização, restando atualmente apenas 8% de sua área original (Gallindo-leal, 2005; Almeida, 2016), motivo pelo qual sua preservação é considerada prioritária. O Parque Estadual da Serra da Baitaca (PESB), situado em Quatro Barras, PR, integra a formação da Serra do Mar. Este parque tem como objetivo a conservação de remanescentes da Floresta Ombrófila Mista (FOM), dos Refúgios vegetacionais e da Floresta Ombrófila Densa (FOD), além de proteger as nascentes que abastecem Curitiba e região, as quais deságuam no Rio Iguaçu, contribuindo também para a geração de energia (IAT, 2016).

Apesar da proximidade com a cidade, a região possui pouca informação sobre Arecaceae. Na região de Quatro Barras, existem sete registros de Arecaceae, sendo de apenas duas espécies: *Geonoma elegans* Mart. e *Geonoma schottiana* Mart., esta última com seis das sete coletas (Specieslink, 2026).

A família Arecaceae ainda não possui registros confirmados na região da Serra da Baitaca. Entretanto, estudos com essa família botânica indicam que, devido à fitofisionomia local e aos hábitos das Arecáceas, é provável a presença de outras espécies nas áreas de borda de mata ou em locais com maior exposição solar. Dada a importância dessa família, o objetivo deste trabalho foi realizar o inventário das espécies de Arecaceae presentes nesta área.

Material & Métodos

2.1 Área de estudo

O trabalho foi realizado com excursões mensais ao Parque Estadual da Serra da Baitaca no período de Agosto de 2024 a Agosto de 2025, com coletas de indivíduos em flor e/ou fruto para a confecção de exsicatas e pranchas botânicas. Foram coletados indivíduos por todo o perímetro acessível do parque (predominantemente ao longo das trilhas), sendo usado como ponto de referência para o início da área de coleta a entrada do Morro Pão de Loth na Rua Izahir Lago número 1596, em Quatro Barras, percorrendo o parque de norte a sul via a travessia Morro Samambaia - Anhangava - Pão de Loth e de oeste para leste via o Caminho do Itupava até a divisa com o Parque Estadual do Pico do Marumbi. Para visualização da área de coleta e mapas, foi usado o aplicativo WikiLoc.

2.2 Coleta, identificação e análise do material

Todo material foi herborizado segundo os métodos tradicionais (Fidalgo & Bononi, 1984) e tombado no Herbário do Departamento de Botânica da Universidade Federal do Paraná (UPCB). Os exemplares foram identificados ao nível específico por meio de consulta a descrições em obras especializadas que contemplam de maneira abrangente os gêneros (Lorenzi, 2010), bem como por comparação com o material depositado nos diversos herbários da região. A terminologia morfológica adotada foi baseada em Rizzini (1977), Stearn (1983) e Lorenzi (2010). Adicionalmente, foram examinadas exsicatas provenientes dos herbários UPCB, HUCP e MBM, além da consulta a bancos de dados online, como ReFlora, Specieslink, GBIF e Kew Data Portal. As fotos foram tiradas com a câmera de iPhone 12 e as pranchas botânicas foram processadas utilizando o Adobe Photoshop 2023.

Resultados e discussão

Durante as excursões, foram identificadas cinco espécies no Parque Estadual da Serra da Baitaca: *Butia eriospatha* (Mart. ex Drude) Becc., *Euterpe edulis* Mart., *Geonoma schottiana*, *G.gamiova* Barb.Rodr. e *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman.

Chave para espécies de Arecaceae do Parque Estadual da Serra da Baitaca

1. Bráctea peduncular lenhosa; frutos com endocarpo ósseo.....2

    2. Bráctea peduncular longitudinalmente frisada, superfície glabra a pruinosa; pseudopecíolo não armado.....*Syagrus romanzoffiana*

    2'. Bráctea peduncular lisa, superfície espesso lanuginosa; pseudopecíolo armado..... *Butia eriospatha*

1'. Bráctea peduncular papirácea; frutos com endocarpo não ósseo (duro e fibroso ou muito fino e aderido à semente).....3

    3. Bainha e pseudopecíolo com margem lisa; inflorescência com 45–110 ráquilas; endocarpo duro e fibroso.....*Euterpe edulis*

    3'. Bainha e pseudopecíolo com margem fibrosa; inflorescência com 5–30 ráquilas; endocarpo muito fino e aderido à semente.....4

        4. Folhas com pinas iguais entre si e inseridas regularmente na raque...*Geonoma schottiana*

        4'. Folhas com pinhas desiguais entre si e inseridas irregularmente na raque.... *Geonoma gamiova*

1. *Butia eriospatha* (Mart. ex Drude) Becc., Agric. Colon., 10: 496. 1916.

Fig. 1; Fig. 2.

Palmeira solitária. Estipe ereto, 1–6 m de altura. Folhas 10–20 contemporâneas, persistentes. Bainha e pseudopecíolo de 20–50 cm compr., armado e com fibras nas margens. Raque com 1,5–2 m compr. Pinas de 30–60(92) pares, lineares, agudas, glaucas na face inferior, divergentes e formando um "V", em um mesmo plano e distribuídas ao longo da raque com intervalos regulares; pinas da porção medindo 40–60 × 1,5–2,5 cm. Inflorescência interfoliar; prófilo ca. 40 cm compr.; bráctea peduncular lenhosa 118–135 cm compr., parte expandida 90–100 × 14–20 cm, lisa e revestida por espesso indumento lanuginoso castanho-avermelhado; pedúnculo de 50–85 cm compr.; raque 40–90 cm compr., com 50–125 ráquilas; ráquilas 8–40 cm compr., amarelas. Flores estaminadas e pistiladas na mesma inflorescência. Fruto 1,8–2,0 × 1,4–2,2 cm, subgloboso, amarelo a alaranjado; mesocarpo carnoso e adocicado; endocarpo ósseo, com 1–3 sementes.

Material examinado: Brasil, Paraná, Quatro Barras, Parque Estadual da Serra da Baitaca, Morro do Anhangava, Cume, estéril,12.II.2025. J.R.P. Chiquiti 55 (UPCB).

Material examinado adicional: Brasil, Paraná, General Carneiro, Colônia Mendes, (fr.), 15.V.1992. L.R. Noblick 4878 (MBM), São José dos Pinhais, Nutrimental, (fr.), 23.X.1998. D.Q. Wilbery 39 (HUCP).

Distribuição, habitat e ecologia

Butia eriospatha é endêmica do sul do Brasil (Lorenzi, 2010), com possível ocorrência no Paraguai (Reflora, 2026), ocorrendo em Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária) e Estepe Gramíneo Lenhosa (campos de altitude, campos limpos). Espécies de *Butia* geralmente formam populações-ilhas agregadas, os "butiazais", comuns no Pampa úmido (Carvalho, 2014).

Floresce de novembro a janeiro e frutifica de março a maio no Paraná. Seus frutos são dispersos por aves, répteis e mamíferos, e suas flores são polinizadas por insetos, especialmente abelhas nativas. Butiazais são importantes habitats faunísticos, exigindo esforços de conservação (Nazareno, 2013).

O indivíduo coletado no Pico do Anhangava era jovem e isolado, sugerindo que sua ocorrência não seja natural.

Conservação

No Brasil, *Butia eriospatha* está classificada como "Em Perigo" (EN) pelo CNCFLORA (2021). A coleta e a venda ilegais, bem como o avanço do agronegócio, ameaçam as populações nativas, muitas vezes centenárias. Outra ameaça é o pastoreio intensivo, que impede a regeneração e o recrutamento de novos indivíduos nas populações naturais (Nazareno, 2013).

Usos e potenciais econômicos

É uma palmeira vistosa, com múltiplos usos (artesanato, cobertura, medicina, alimentação e bebidas) e potencial ornamental (Lorenzi, 2010).

2. *Euterpe edulis* Mart., Hist. Nat. Palm., 2: 33. 1824.

Fig. 3; Fig. 4.

Palmeira solitária. Estipe ereto, de 5–15 m de altura. Folhas 8–15 contemporâneas, caducas na senescência. Bainha e pseudeopecíolo de 13–54 cm, não armados e lisos nas margens. Raque com 1,5–2,5 m compr. Pinas de 65-72 pares, lineares, agudas, verdes discolores e brilhantes, em um mesmo plano, horizontalmente ou pêndulas, distribuídas ao longo da raque com intervalos regulares; pinas do segmento medindo 50–60 × 1,5–2 cm. Inflorescência interfoliar; prófilo ca. 40 cm compr.; bráctea peduncular coriácea 45–70 cm compr., parte expandida 36–56 cm compr., glabra, pedúnculo de 5–8,5 cm compr.; raque 15–30 cm compr., com 45–110 ráquilas; ráquilas 25–70 cm compr. Flores estaminadas e pistiladas na mesma inflorescência. Fruto 0,8–1 × 0,7–1,2 cm, globoso, roxo-escuro ou preto; mesocarpo fibro-carnoso, endocarpo duro e fibroso com uma única semente.

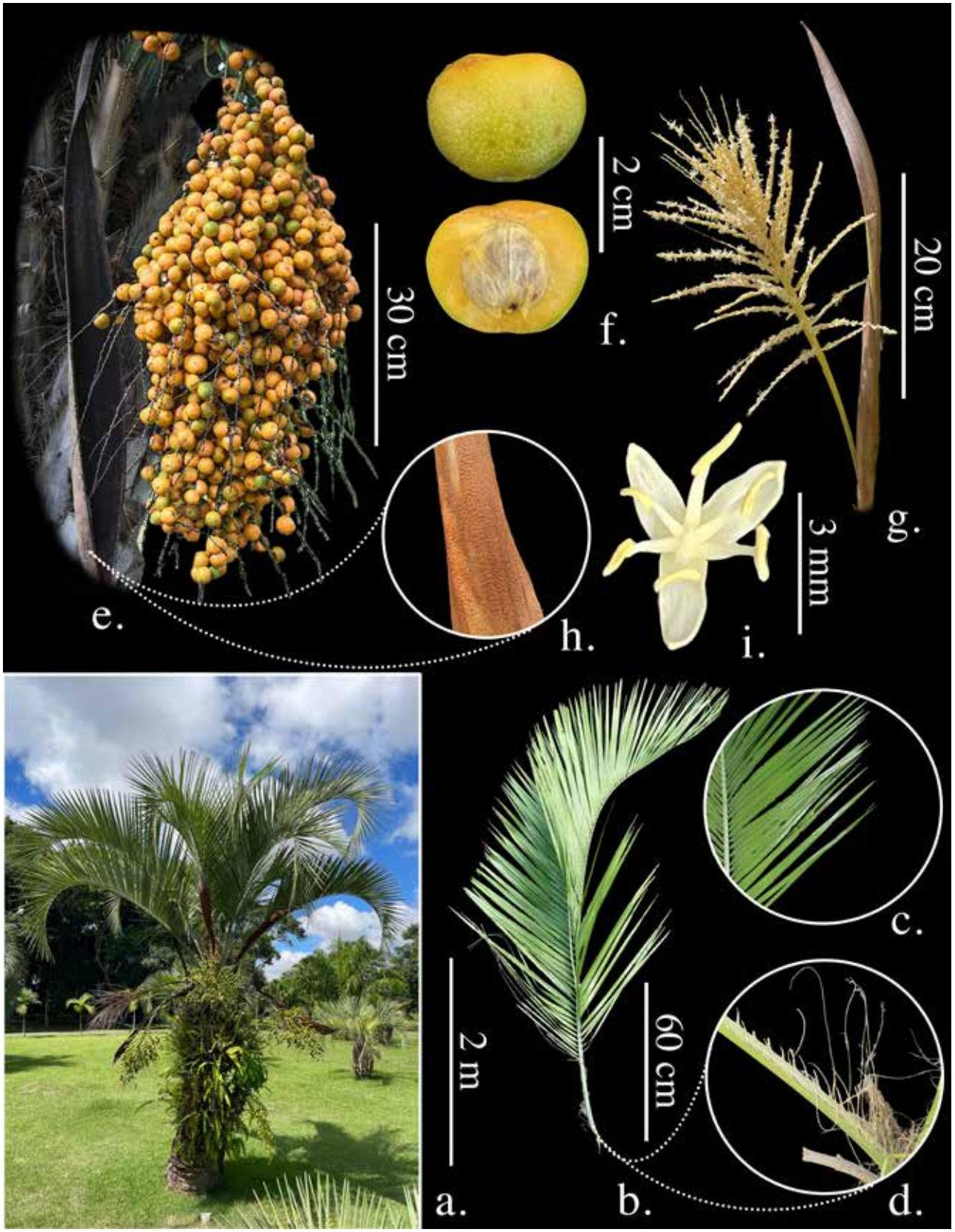


Figura 1. *Butia eriospatha* (Mart. ex Drude) Becc. a) Hábito. b) Folha. c) Detalhe das pinas. d) Detalhe das fibras em forma de dentes. e) Infrutescência. f) Fruto com endocarpo e semente evidente. g) Inflorescência. h) Detalhe da espata com indumento lanuginoso. i) Flor individual. Fotos de J.R.P. Chiquiti.



Figura 2. *Butia eriospatha* (Mart. ex Drude) Becc. em campo

Material examinado: PARANÁ, Quatro Barras, Trilha Pão de Loth, próximo a pedreira, estéril, 24.VII.2025. J.R.P. Chiquiti 91 (UPCB).

Material examinado adicional: PARANÁ, Morretes, Parque Estadual Pico do Marumbi, (fr.), 18.I.2009. M.L. Brotto 275 & R.C. Dornelles (UPCB); Paranaguá, Ilha do Mel, 01.IV.1988. R.M. Britez 1885 & S.M. Silva (MBM); Parque Estadual do Palmito, (fr.), 12.XII.2024. R. Kersten 2585 (HUCP).

Distribuição, habitat e ecologia

Euterpe edulis é uma espécie endêmica do Brasil, com ocorrência desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, ocorrendo em Floresta Ombrófila Densa, formações Aluvial, Baixo-Montana, Montana e Submontana, Floresta de Tabuleiro, no norte do Espírito Santo, restinga e Floresta Estacional Semidecídual nas matas ciliares da bacia do rio Paraná (Carvalho, 2003). Seu período de floração se estende de Outubro a fevereiro, com pico em dezembro, a frutificação é prolongada, ocorrendo de março a dezembro (Silva, 2018). O indivíduo específico coletado foi encontrado no Caminho do Itupava, na formação vegetacional Floresta Ombrófila Densa Alto Montana Pluri-estratificada (IAT, 2017). No entanto, a espécie também é comumente observada em outras áreas preservadas do Parque Estadual Serra da Baitaca, e locais onde inclusive são realizadas ações de plantio de mudas para a recuperação de áreas degradadas.

Conservação

A espécie é classificada como vulnerável (VU) pela CNCFLORA (2012), possui alta relevância ecológica, sendo considerada uma espécie-chave. Seus frutos são essenciais para a alimentação de 58 espécies de aves e 21 de mamíferos, muitos deles ameaçados de extinção (Silva, 2018). Contudo, o extrativismo insustentável do palmito, iniciado nos anos 60, é a principal causa de um acentuado declínio populacional (Silva, 2018). Além disso, a fragmentação do habitat, o desmatamento (que afeta a polinização por abelhas, como a irapuã) e a extração ilegal resultam em variabilidade na diversidade genética entre as diferentes populações, conforme apontam estudos (Pereira, 2019).

Usos e potenciais econômicos

Tradicionalmente, a planta é utilizada na construção civil (emprego do estipe e das folhas) e no artesanato (uso dos pecíolos), além de ter valor ornamental. Contudo, seu maior destaque reside no potencial alimentício, pois dela são extraídos o palmito e seus frutos, que são empregados na produção de bebidas alcoólicas e do açaí-caiçara, um substituto do açaí obtido de *E. oleracea* Mart. (Carvalho, 2003).

3. *Geonoma gamiova* Barb.Rodr. J., Contrib. Jard. Bot. Rio de Janeiro, 6: 13, t. 37. 1907.

Fig. 5; Fig. 6.

Palmeira solitária ou cespitosa. Estipe ereto a subereto até 2,5 m de altura. Folhas 11–16 contemporâneas, caducas na senescência. Bainha e pseudopecíolo com 30-50 cm compr., não armado, com fibras na margem da bainha; Raque com 40–60 cm compr. Pinas de 3–11 pares, irregulares, agudas a obtusas, verde discolores, distribuídas no mesmo plano e de superfície plicada formando ângulo de 40-55º em relação à raque pinas de 26–44 × 3,5–8 cm. Inflorescência interfoliar; prófilo 14–20 × 1,5–3,5 cm; bráctea peduncular papirácea 13–18 × 1,5–3,5 cm., parte expandida 1,5–3,5 cm, glabra. Raque com 7–20 cm de compr. com 5–18 ráquilas; ráquilas 12–45 cm compr. verde escura e se tornando alaranjadas na frutificação. Flores estaminadas e pistiladas na mesma inflorescência. Frutos 1,0–1,5 × 0,7–1,2 cm, ovóides a globosos, verdes; mesocarpo fibroso, endocarpo muito fino e aderido à semente, com 1 semente.

Material examinado: PARANÁ, Quatro Barras. Parque Estadual da Serra da Baitaca, Caminho do Itupava, próximo ao Parque Estadual do Marumbi, (fr.), 15.XII.2024. J.R.P. Chiquiti 45 et al. (UPCB)

Material examinado adicional: PARANÁ, Morretes, Parque Estadual do Pico do Marumbi, (fr.) 18.I.2009. M.L. Brotto & R.C. Dornelles 274 (UPCB), P.E. Marumbi-Mãe Catira, (fr.), 15.III.1987. J.T. Motta 902 (MBM).

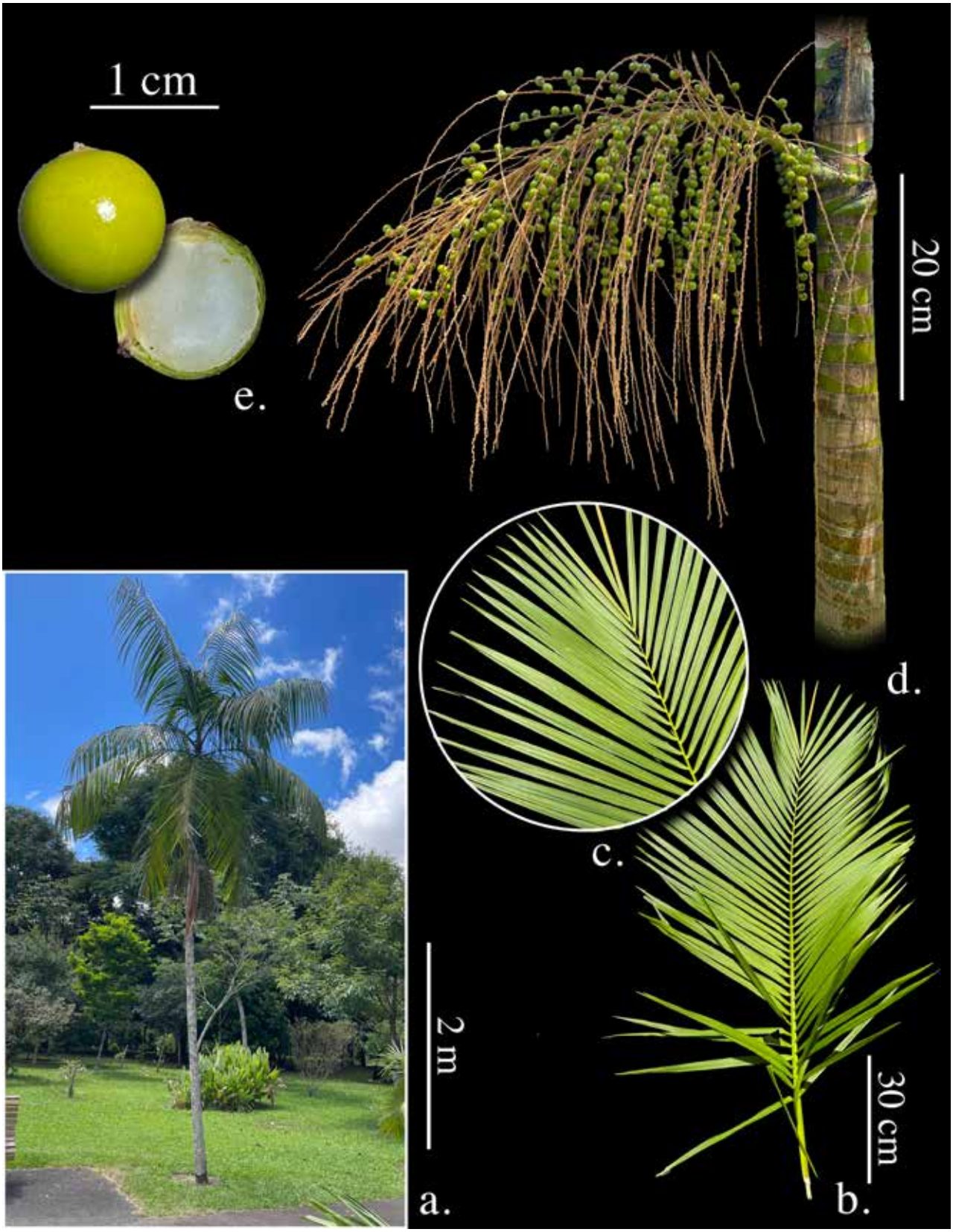


Figura 3. *Euterpe edulis* Mart. a) hábito. b) folha. c) detalhe das pinas. d) caule liso com inflorescência. e) fruto com endocarpo evidente. Fotos de J.R.P. Chiquiti.



Figura 4. *Euterpe edulis* Mart. em campo.

Distribuição, habitat e ecologia

Geonoma gamiova é endêmica da Mata Atlântica costeira no Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), ocorrendo em sub-bosques de encostas (de 800 a 1300 m) em bom estado de conservação (espécie ciófita) (Lorenzi, 2010). Seu ciclo reprodutivo é influenciado pelo ambiente, sendo irregular, variando conforme a altitude. A floração ocorre em dois períodos dependendo da localidade, de maio a julho e de outubro a novembro em encostas, e de março a agosto em fundos de vale (Neves, 2009). A dispersão dos frutos é realizada por aves, roedores e besouros, enquanto as flores são visitadas por diversos insetos (Neves, 2009). O indivíduo coletado estava no sub-bosque de encosta, na formação vegetacional Floresta Ombrófila Densa Montana (IAT, 2017), limite entre os Parques Estaduais da Serra da Baitaca e do Marumbi.

Conservação

Classificada como pouco preocupante (LC) pela CNCFLORA (2012).

Usos e potenciais econômicos

Suas folhas são utilizadas no meio rural para cobertura e na confecção de coroas fúnebres, o que representa um impacto sobre suas populações naturais (Lorenzi, 1996).

4. *Geonoma schottiana* Mart., Hist. Nat. Palm., 2: 1-143. 1826.

Fig. 7; Fig. 8.

Palmeira solitária. Estipe ereto a subereto, até 2 m de altura. Folhas 12–15 folhas contemporâneas. Bainha e pseudopecíolo com 30–50 cm. Raque com 80–100 cm compr. Pinas ca. 54 pares, lineares, agudas, verde-discolores, distribuídas regularmente no mesmo plano formando ângulo de 34–90º em relação à raque; pinas de 15–30 cm compr. Inflorescência interfoliar; prófilo ca. 16–36 cm compr.; bráctea peduncular papirácea 10–31 cm compr., parte expandida ca 1,8–4,0cm, glabra ou pilosa, cor marrom a avermelhada; pedúnculo de 20–60 cm compr.; raque 15–25 cm compr., com 12–30 ráquilas; ráquilas 8–32 com compr., amareladas e se tornando alaranjadas na frutificação. Flores estaminadas e pistiladas na mesma inflorescência. Fruto 0,8–1,2 × 0,6–2 cm, ovóides a globosos, negros; mesocarpo fibroso, endocarpo muito fino e aderido à semente, com 1 semente.

Material examinado: PARANÁ, Quatro Barras. Parque Estadual da Serra da Baitaca, Caminho do Itupava, face leste do Pão de Loth, (fr.), 01.XII.2024. J.R.P. Chiquiti 37 et al. (UPCB).

Material examinado adicional: PARANÁ, Paranaguá, Ilha do Mel, (fr.), 27.XII.2014. S.M. Lo (UPCB). Parque Estadual do Palmito, estéril, 10.XII.2021. J. Randi 74 et al. (HUCP), Quatro Barras, trilhas dos morros Mãe Catira e Sete, (fr.), 03.VIII.2013. M.E. Engels 1442 et al. (MBM).

Distribuição, habitat e ecologia

Geonoma schottiana é endêmica do Brasil, com distribuição no Sul e Sudeste, de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, ocorrendo em florestas costeiras planas, mata de encosta, restingas, capoeirões e mata ciliares, desde o nível do mar até 1600m de altitude (Lorenzi, 2010). É uma espécie de pequeno porte, característica do sub-bosque de áreas com alta pluviosidade. Sua floração ocorre durante todo o ano, com maior intensidade nos períodos chuvosos. Variações climáticas podem levar ao abortamento de flores e, consequentemente, a frutificações irregulares, que se dão em intervalos de um ano, tipicamente entre abril e agosto ou junho e setembro (Silva, 2008). A espécie apresenta baixa sazonalidade e uma sincronia reprodutiva de 50% (Silva, 2008). A dispersão dos frutos é realizada por aves, e as flores são polinizadas por insetos das ordens Hymenoptera, Diptera e Coleoptera (Sampaio, 2006). O indivíduo coletado foi encontrado no sub-bosque da trilha do Itupava, na formação vegetacional Floresta Ombrófila Densa Montana (IAT, 2017), em uma área úmida, sendo uma ocorrência comum no Parque Estadual da Serra da Baitaca.

Conservação

Classificada como pouco preocupante (LC) pelo CNCFLORA (2012).

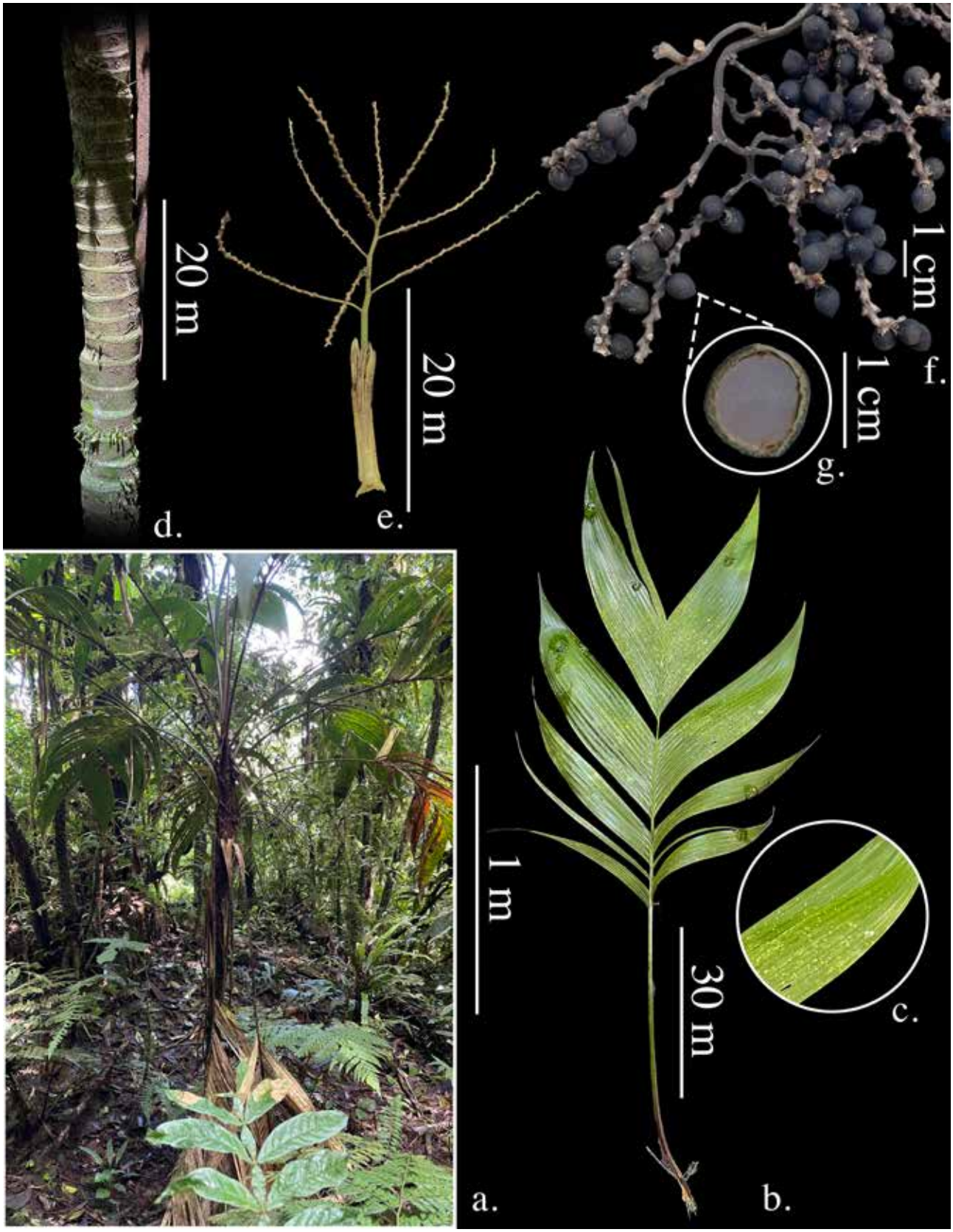


Figura 5. *Geonoma gamiova* Barb.Rodr. a) hábito. b) folha. c) detalhe da pina. d) detalhe do caule anelado. e) inflorescência. f) detalhe da ráquila com fruto. g) fruto com endocarpo evidente. Fotos de J.R.P. Chiquiti

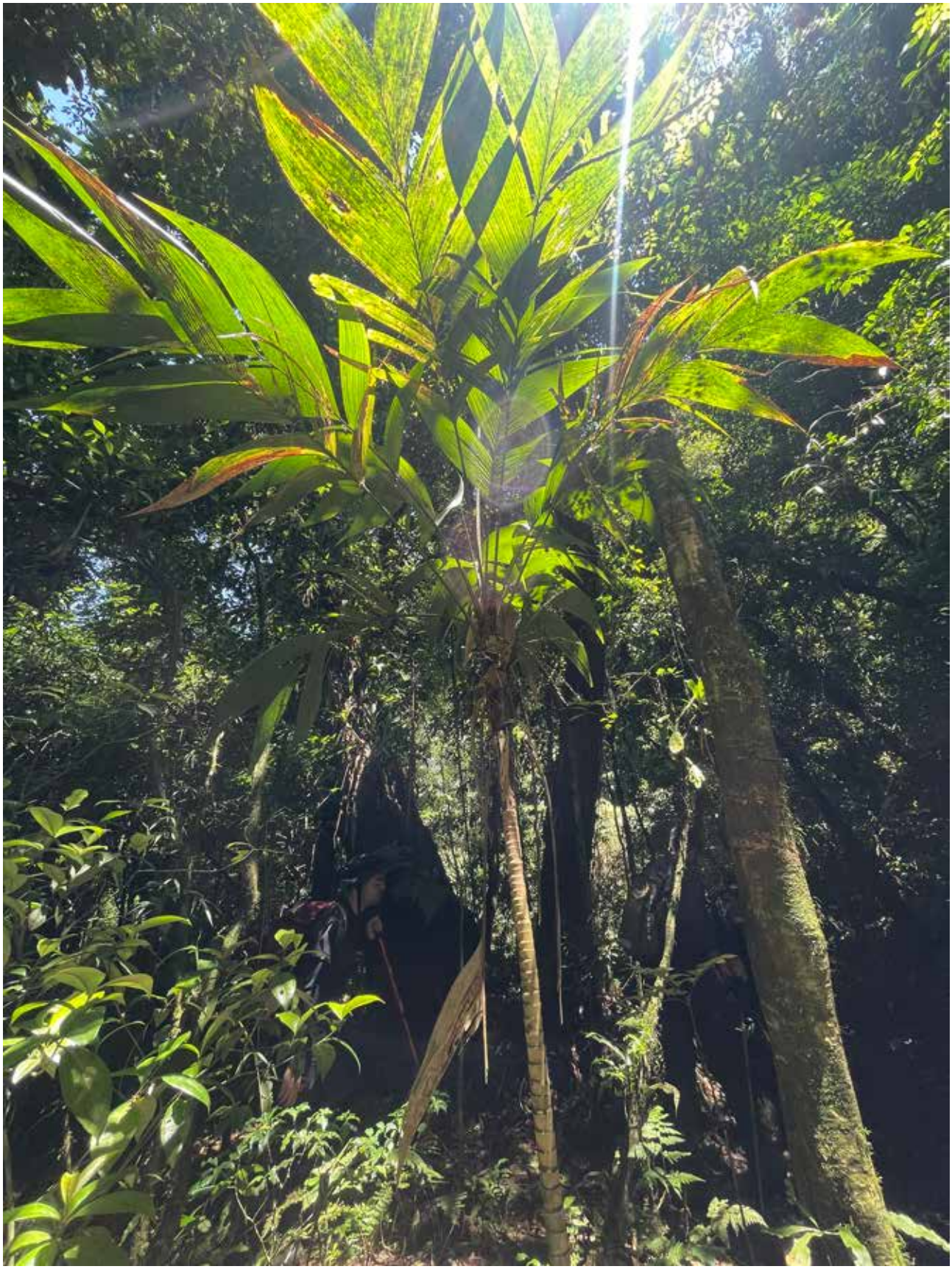


Figura 6. *Geonoma gamiova* Barb.Rodr. em campo.

Usos e potenciais econômicos

É usada como ornamental e suas folhas e fibras tingidas são populares como decoração na Europa (Silva, 2008). Pecíolos são usados em balaios e folhas inteiras como cobertura (Reitz, 1974).

5. *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman. Fieldiana, Bot., 31: 382. 1968.

Fig. 9; Fig. 10.

Palmeira solitária. Estipe ereto, 7–15 m de altura. Folhas 7–25 contemporâneas, caducas. Bainha e pseudopecíolo de 1,1–1,7 m compr., não armados e com fibras nas margens. Raque com 1,7–4,4 m compr. Pinas 150–250 pares, lineares, agudas, verdes discolores, inseridas em vários ângulos conferindo aspecto plumoso, distribuídas ao longo da raque em séries; pinas da porção mediana de 60–100 × 1,9–4,5 cm. Inflorescência interfoliar; prófilo ca. 50 cm compr.; bráctea peduncular lenhosa 140–223 cm, parte expandida de 100–164 × 10–28 cm, glabra a pruinosa, frisada longitudinalmente, castanha paleácea; pedúnculo 25–45 cm compr.; raque 40–110 cm compr., com 44–330 ráquilas; ráquila 15–77 cm compr. Fruto 2–4 cm de compr., globoso ou ovoide, alaranjados ou amarelos; mesocarpo fibroso-carnoso e mucilaginoso; endocarpo ósseo com 1 semente.

Material examinado: PARANÁ, Quatro Barras, Trilha Pão de Loth, próximo a bifurcação, estéril, 24.VII.2025. J.R.P. Chiquiti 89 et al. (UPCB).

Material examinado adicional: PARANÁ, Colombo, (fl.) 09.XI.2005. R.F.S. Possette & W. Maschio 666 (UPCB); São José dos Pinhais, Nutrimental, estéril, 23.X.1998. D.Q. Wilbery 26 (HUCP); Cerro Azul, Garaipós, 23.I.1980. G. Hatschbach 42738 (MBM).

Distribuição, habitat e ecologia

Syagrus romanzoffiana é nativa do Brasil, com distribuição da Bahia ao Rio Grande do Sul, Uruguai, Paraguai e Argentina, ocorrendo na Mata Atlântica e florestas semidecíduas (Lorenzi 2010). É mais comum em áreas úmidas e brejosas (Lorenzi, 1996). O indivíduo coletado estava na trilha do Pico do Pão de Loth, na formação vegetacional Floresta Ombrófila Densa (IAT, 2017), mas a espécie ocorre em vários pontos do parque.

Conservação

No Brasil é classificada como pouco preocupante (LC) pelo CNCFLORA (2012).

Usos e potenciais econômicos

É uma espécie robusta, comum em diversas fitofisionomias, amplamente usada no paisagismo e a mais frequente na natureza e cultivo no Sul e Sudeste do Brasil (Bernacci, 2006). Devido à sua resistência, o palmito do Jerivá é um potencial substituto do palmito-juçara (*Euterpe edulis*) para reduzir a extração de espécies nativas (Bernacci, 2006). Frutifica o ano todo, com pico entre fevereiro e março (Garcia, 2015). A espécie possui grande importância ecológica e comercial, pois seus frutos são fonte de alimento para diversas espécies de fauna, como aves (Psitacídeos), roedores, répteis (Tupinambis), primatas e morcegos, além de servir como habitat (Riella, 2010). É utilizada na alimentação animal (gado e suínos) e na culinária humana. Suas folhas são usadas como cobertura e o estipe é empregado como postes e palanques devido à sua durabilidade (Lorenzi, 2010)

Agradecimentos

Somos gratos por todo o auxílio prestado pelos herbários UPCB, MBM e HUCP e por seus colaboradores. JRCP agradece ao IAT (22.047.474-7), ao SISBIO (93986-1) e ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica (169330/2024-9). Agradecemos ao CNPq pela bolsa de produtividade concedida a ECS (306636/2025-5).

Conflitos de interesse

Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

Contribuição dos autores

ECS e JRCP conceberam o estudo; JRCP e MEE coletaram os dados; JRCP, ECS e MEE escreveram o artigo.

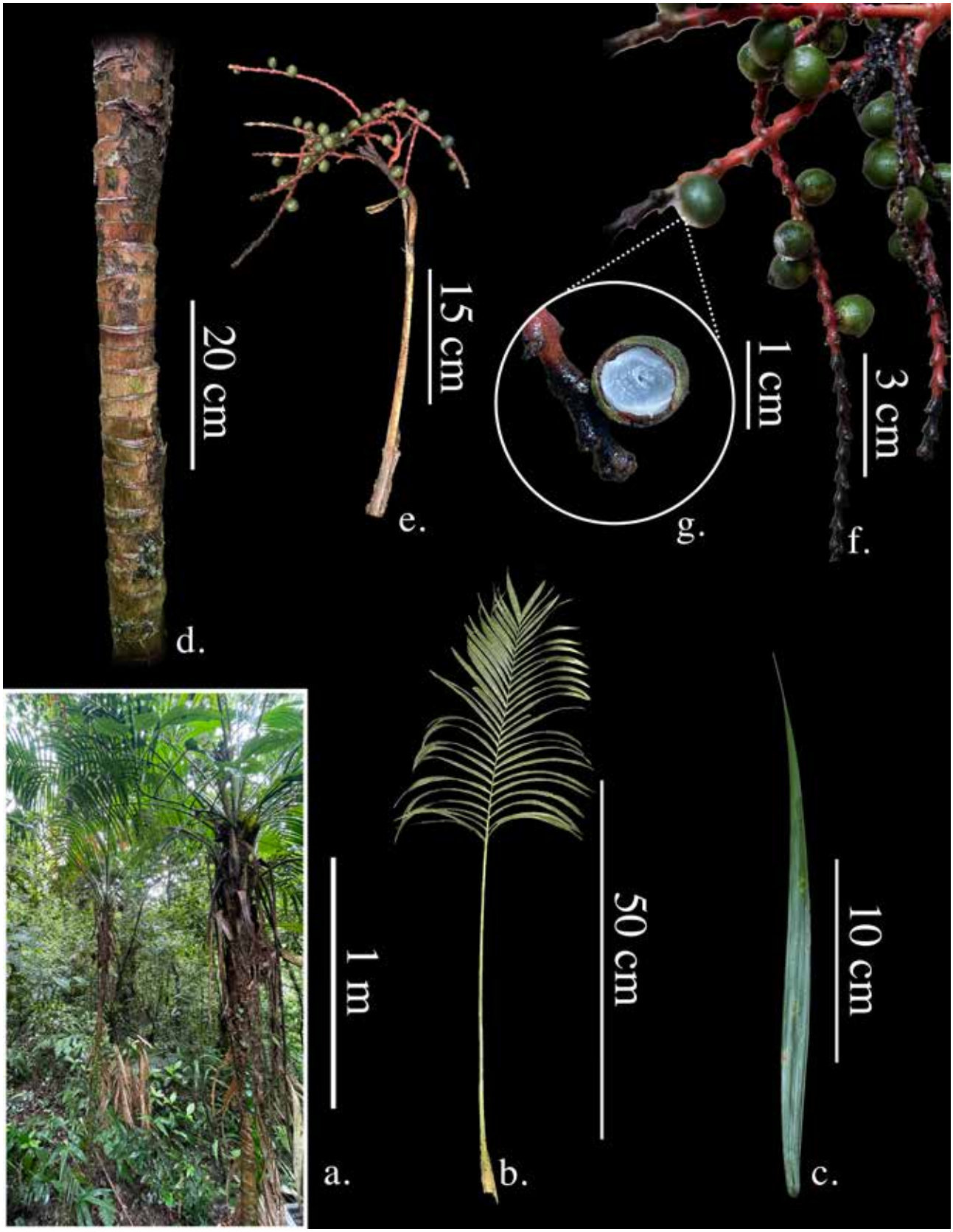


Figura 7. *Geonoma schottiana* Mart. a) hábito. b) folha. c) pina individual. d) detalhe do caule anelado. e) infrutescência. f) detalhe da ráquila com fruto. g) fruto com endocarpo evidente. Fotos de J.R.P. Chiquiti



Figura 8. *Geonoma schottiana* Mart. em campo

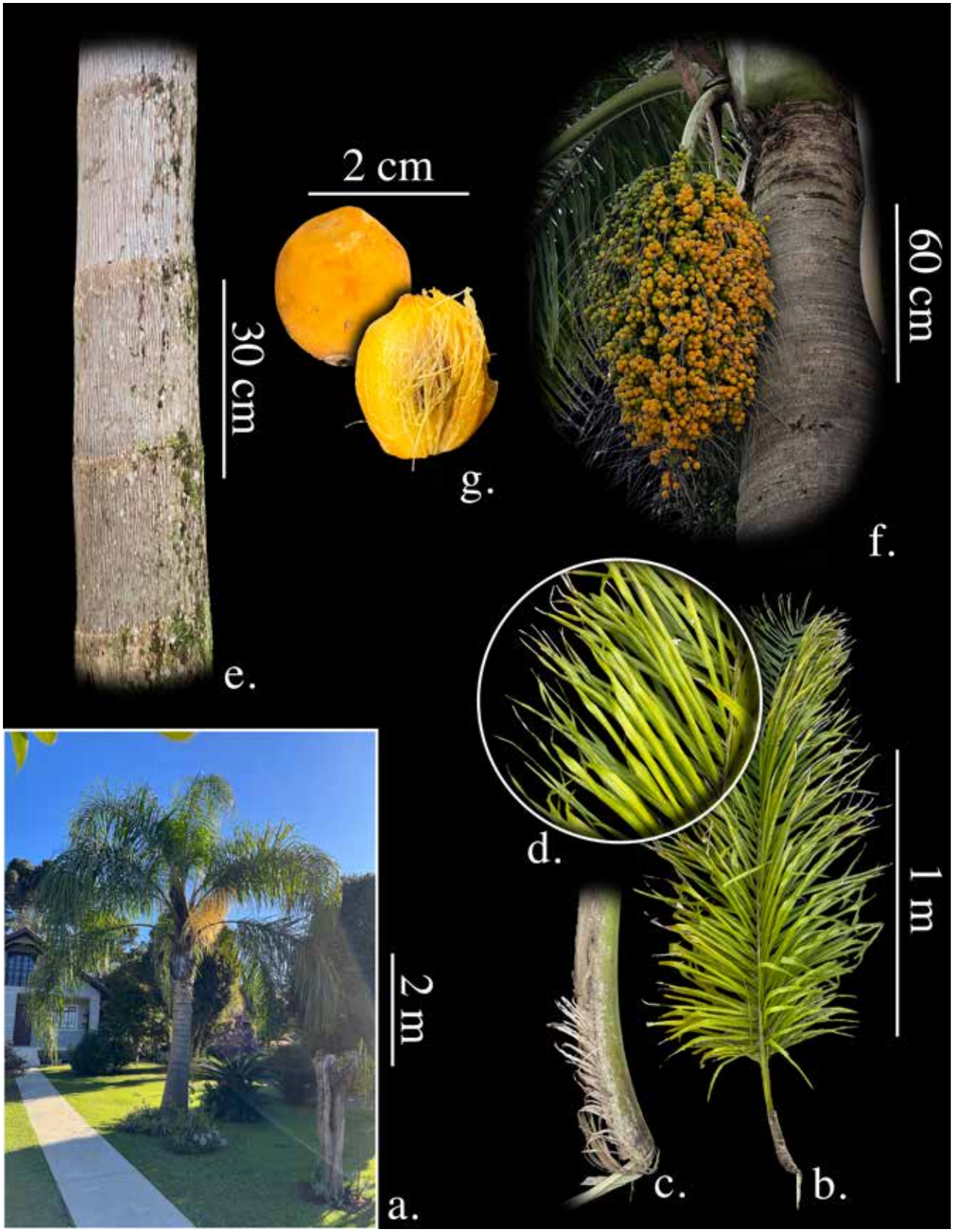


Figura 9. *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman. a) hábito. b) folha. c) detalhe das fibras do pseudopecíolo. d) detalhe das pinas. e) detalhe do caule liso. f) inflorescência. g) fruto com mesocarpo fibroso evidente. Fotos de J.R.P. Chiquiti.



Figura 10. *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman. em campo.

Referências

Almeida, D. S. (2016). Recuperação ambiental da Mata Atlântica (3ª ed. rev. e ampl.). Editus, 200 p. https://doi.org/10.7476/9788574554402

Alonso, A., Dallmeier, F., Granek, E., & Raven, P. (2001). Biodiversity: Connecting with the tapestry of life. Monitoring and Assessment of Biodiversity Program and President's Committee of Advisors on Science and Technology. Smithsonian Institution, Washington, D.C., 31 p.

Arecaceae in Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB53>. Acesso em: 26 ago. 2026.

Bates, D. M. (1988). Utilization pools: A framework for comparing and evaluating the economic importance of palms. Advances in Economic Botany, 6, 56–64.

Bernacci, L. C., Martins, F. R., & Santos, F. A. M. (2006). Dinâmica populacional da palmeira nativa jerivá, *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman, em um fragmento florestal no sudeste do Brasil. Agronômico, 58(1–2), 31–33.

BFG. (2021). Brazilian Flora 2020: Leveraging the power of a collaborative scientific network. Taxon, 71(1), 178–198. https://doi.org/10.1002/tax.12640

Candido, J. E. P., Netto, D., Silva, T. R. B., & da Cruz, F. T. (2020). Rota dos Butiazais: desenvolvimento e segurança alimentar e nutricional. Orbis Latina, 10(3), 296–309.

Carvalho, P. E. R. (2003). Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Florestas, 1, 699–708.

Carvalho, P. E. R. (2014). Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo: Embrapa Florestas, 5, 163–169 p.

Caxambú, M. G., Geraldino, H. C. L., Dettke, G. A., Silva, A. R., & Santos, E. N. (2015). Palmeiras (Arecaceae) nativas no município de Campo Mourão, Paraná, Brasil. Rodriguésia, 66(1), 259–270. https://doi.org/10.1590/2175-7860201566116

Ceccon-Valente, M. F., & Negrelle, R. R. B. (2013). Demografia de Geonoma gamiova em área de extrativismo foliar. Ciência Rural, 43(7), 1218–1222. https://doi.org/10.1590/S0103-84782013000700012

Fidalgo, O., & Bononi, V. L. (1984). Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. São Paulo: Instituto de Botânica, 62 p.

Galindo-Leal, C. & Câmara, I. G. (2005). Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas. Belo Horizonte: Fundação SOS Mata Atlântica, 59p.

Global Biodiversity Information Facility. Disponível em: <https://www.gbif.org/>. Acesso em: 26 ago. 2026.

Garcia, V. A., Barbedo, C. J., Guardia, M. C., Fuzitani, E. J., Junior, E. R. D., & Nomura, E. S. (2016). Estudo fenológico da palmeira *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman no Vale do Ribeira/SP. Instituto de Botânica de São Paulo, 4 p.

IAT. (2016). Análise dos parques estaduais da Serra da Baitaca. Quatro Barras, Paraná, 122 p.

IBGE. (2012). Manual técnico da vegetação brasileira (2ª ed.). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 272 p.

Index Herbariorum: A global directory of public herbaria and associated staff. New York Botanical Garden. Disponível em: <https://sweetgum.nybg.org/science/ih/>. Acesso em: 26 ago. 2026.

Kew. (2026). Kew Data Portal. Royal Botanic Gardens, Kew. Disponível em: <https://data.kew.org/>. Acesso em: 26 ago. 2026.

Lorenzi, H., Souza, H. M., Medeiros-Costa, J. T., Cerqueira, L. S. C., & Behr, N. V. (1996). Palmeiras no Brasil: nativas e exóticas. Nova Odessa: Editora Plantarum, 303 p.

Lorenzi, H., Kahn, F., Noblick, L. R., & Ferreira, E. (2010). Flora brasileira: Arecaceae (palmeiras). Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 368 p.

Myers, N., Mittermeier, R. A., Mittermeier, C. G., da Fonseca, G. A. B., & Kent, J. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. Nature, 403, 853–858. https://doi.org/10.1038/35002501

Nazareno, A. G. (2013). Conservação de *Butia eriospatha* (Martius ex Drude) Becc. (Arecaceae): uma espécie da flora brasileira ameaçada de extinção. Universidade Federal de Santa Catarina, 141 p.

Neves, T. S. (2009). Auto-ecologia de *Geonoma gamiova* Barb. Rodr. (Arecaceae) em mata

ombrófila densa montana (Parque Estadual Carlos Botelho, SP). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 51 p.

Pereira, A. G. (2019). Distribuição de *Euterpe edulis* Martius na Mata Atlântica revela diferentes níveis de variabilidade genética: implicações para a conservação. Universidade Federal do Espírito Santo, 77 p.

Riella, F. M. H. (2010). Frugivoria e dispersão de sementes de jerivá, *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman, em fragmento de restinga arbórea sobre planície quaternária no Sul da Ilha de Santa Catarina, Brasil. Universidade Federal de Santa Catarina, 35 p.

Rizzini, C. T. (1977). Plantas ornamentais. Rio de Janeiro: SUPREN, 70 p.

Romariz, D. A. (1996). Aspectos da vegetação do Brasil (2ª ed.). Edição da Autora, São Paulo, 60 p.

Sampaio, M. B. (2006). Ecologia populacional da palmeira *Geonoma schottiana* Mart. em Mata de Galeria no Brasil Central. Universidade de Brasília, 83 p.

Santos, G. B., Marques, M. I., Adis, J., & Musis, C. R. (2003). Artrópodos associados à copa de *Attalea phalerata* Mart. (Arecaceae), na região do Pantanal de Poconé-MT. Revista Brasileira de Entomologia, 47, 211–224.

Silva, G. A. (2008). Fenologia da palmeira Guaricana (*Geonoma schottiana* Mart.): subsídio ao manejo e conservação. Universidade Federal do Paraná, 33 p.

Silva, J. Z., & Reis, M. S. (2018). Fenologia reprodutiva e produção de frutos em Euterpe edulis Martius. Ciência Florestal, 28(1), 295–309.

Soares, K. P., Longhi, S. J., Witeck Neto, L., & Assis, L. C. (2014). Palmeiras (Arecaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. Rodriguésia, 65, 113–139.

SpeciesLink: sistema de informação distribuído para coleções biológicas. Centro de Referência em Informação Ambiental (CRIA). Disponível em: <https://specieslink.net/>. Acesso em: 26 ago. 2026.

Stearn, W. T. (1983). Botanical Latin (3ª ed.). London: David & Charles Publishers, 566 p.

WFO 2026. Palmae Juss. Published on the Internet; http://www.worldfloraonline.org/taxon/wfo-4100000110. Accessed on: 22 May 2026.